

---

# Pequenas variações dos sepultamentos da tradição Aratu na Bahia

Henry Luydy Abraham Fernandes

CAHL - Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB

E-mail: luydyabraham@gmail.com

Recebido em: 03/08/2016.

Aprovado em: 28/12/2016.

**Resumo:** O artigo apresenta uma breve revisão da tradição ceramista Aratu para a Bahia, com sua distribuição espacial e cronológica. Descreve as características comuns da cultura material compartilhada pelos sítios. Mostra o padrão dos sepultamentos para o estado e aponta os elementos divergentes presentes na forma dos enterramentos e nos seus acompanhamentos funerários. Por fim, indica as duas maiores variações recentemente reconhecidas para as inumações: a descoberta de urnas lisas da fase Aratu enterradas com urnas corrugadas da fase Itanhém no mesmo sítio; e a identificação de esqueletos inumados fora das urnas, tanto em decúbito como na posição fletida.

**Palavras-chave:** Tradição Aratu, Sepultamentos, Bahia, Acompanhamentos funerários.

## *Small Variations Of The Burials Of The Aratu Tradition In Bahia*

**Abstract:** The article presents a brief review of the ceramist tradition Aratu to Bahia with its spatial and temporal distribution. It indicates the common characteristics shared by material culture sites. It shows the pattern of burials for the state. It indicates the different elements present in the form of burials and their funeral accompaniments. Finally, it indicates the two variations recognized for burials: the discovery of smooth pots of Aratu stage buried with corrugated polls of Itanhém phase; identifying interred skeletons out of the pots, both supine and flexed position.

Keywords: Aratu Tradition, Burials, Bahia, Funeral accompaniments.

## 1 Introdução

Este artigo objetiva apresentar o conhecimento sobre os sepultamentos da tradição ceramista Aratu na Bahia, bem como descrever

algumas variações dentro da organização desse contexto arqueológico. Tendo em vista que a materialização do mundo simbólico que se traduz no enterramento de um indivíduo está eivado dos significados mais persistentes dentro das culturas, é de se esperar uma grande estabilidade nas práticas funerárias. De fato, é o que se constata quando se procede ao exame da literatura e dos testemunhos encontrados nas escavações dos sítios arqueológicos da referida tradição. Do incipiente bloco homogêneo criado pelas descrições iniciais até os estudos mais recentes, a margem de transformações na cultura material não foi muito ampla, tanto no tempo como no espaço aqui considerado, restrito aos contornos da Bahia.

### 1.1 O estabelecimento da tradição Aratu

Tencionando dar uma visão panorâmica, recorreremos aos dados da Bahia e de outros estados que nos permitirão caracterizar a tradição ceramista arqueológica Aratu. Trata-se de uma categoria especificadora da cultura material essencialmente pela sua série cerâmica e, sobretudo para a Bahia, também de um aspecto centrado em um contexto simbólico funerário bastante remarcado (Figura 1).



**Figura 1** – Sepultamento em urna funerária da tradição Aratu (St Pio Moura, São Félix do Coribe). Adaptado de Fernandes e Palermo Neto (1999).

As fontes iniciais do estabelecimento dessa tradição foram apontadas por P. I. Schmitz (SCHMITZ et al, 1982, p. 49), o que ocorreu quase ao mesmo tempo pela atuação de vários pesquisadores nos estados centrais do Brasil, no final dos anos 60 e princípio da década seguinte:

A tradição cerâmica Aratu, estudada anteriormente por Calderón (1969, 1971, 1974) e Perota (1971, 1974), foi definida como tradição em 1968 (BROCHADO et ali, 1969) e mais claramente caracterizada na reunião final do PRONAPA (WASHINGTON, 1972)<sup>1</sup>.

Denomina uma tradição cerâmica de grupos horticultores do Nordeste e Centro do Brasil, ligada ao horizonte agrícola ao qual também pertence a tradição Sapucaí, que se identifica praticamente pelos mesmos elementos gerais, a ponto de se propor a fusão das duas tradições (SCHMITZ, BARBOSA, RIBEIRO, ed., 1981c).

Ainda que pareça predominantemente homogênea do ponto de vista da cultura material, é corrente considerar que sob, o abrangente toldo da tradição Aratu, abriga-se um ainda não precisado número de comunidades, certamente tão diversificadas entre si que nem se quer se reconheceriam ou teriam a mesma organização social e, provavelmente, nem mesmo conseguiriam se entender verbalmente, conforme o atesta González, para o contexto goiano, na sua tese de doutoramento.

Assim [por conta de contatos extra-tribais que motivaram profundos processos de mudança cultural, fusões inter-grupais, emergência de novas unidades culturais, bem como a manutenção de alguns núcleos originais] não é mais possível, por exemplo, persistir com a classificação dos sítios através das características gerais que suas indústrias cerâmicas apresentam, porque estaríamos relacionando vestígios de ocupações notadamente diversas. Os 122 sítios relacionados à tradição Aratu [em Goiás] não formam, definitivamente, um único grupo cultural, apresentando significativas variações no tempo e no espaço. [...] O procedimento básico está em reconhecer que as variações apresentadas não constituem exceção a ser forçosamente incorporada a uma ou outra tradição arqueológica pré-existente, mas sim a uma situação de fato que necessita emergir com todas as multi-faces que possui. (GONZÁLEZ, 1996, p. 216)

Uma constatação com esse teor leva a um questionamento sobre a validade, aplicabilidade e utilidade dos esquemas classificatórios e da operacionalidade deles para equacionar novos contextos que destoem dos sítios, artefatos e características tomadas como um padrão imaginado representativo da tradição arqueológica. Apesar de certamente estarmos forçando novas evidências e dados para

dentro de um molde que não mais suporta o seu conteúdo, admitimos ser de considerável valia compreender essa nomenclatura consagrada, cientes das suas falhas, porém, reconhecendo que ela faculta um intercâmbio com o já produzido e um diálogo fácil, de rápida apreensão, entre os pesquisadores da atualidade e destes com os trabalhos publicados há décadas.

Calderón, um dos pioneiros nos estudos desses grupos das grandes aldeias, granjeou em poucos anos de pesquisa arqueológica oportunista não sistemática, quase sempre sem registros detalhados de intervenções arqueológicas, informações sobre 51 sítios dessa tradição na Bahia (FERNANDES, 2011a, p. 51), as quais dividiu em duas fases: Aratu e Itanhém. Para o autor, as características gerais de cada fase foram:

- Fase Aratu: sítios em margens de mangues, topos de colina, constantemente sobre solos naturalmente férteis para a horticultura, nunca em áreas muito inclinadas ou distantes de fontes de água. Ocupações com uma ou mais manchas, com espaço central entre elas indicando aldeias circulares. Estratigrafia profunda, com até um metro. Contatos ou reocupações dos assentamentos Aratu por grupos Tupi são mencionados. Presença de líticos polidos e lascados, ocasionalmente no mesmo sítio (FERNANDES, 2012, p. 5).

- Fase Itanhém: sítios menores que a fase Aratu, com uma ou mais manchas de 10 a 15m alinhadas ou em círculo; presença marcante de decoração plástica corrugada ao redor da abertura das cerâmicas; paredes finas e alisadas, eventualmente com aplicação total de grafite na superfície. Propositadamente não citamos agora os sepultamentos, pois os trataremos mais adiante (FERNANDES, 2012, p. 6).

Incluindo os dados gerados desde Calderón até o presente, 2016, para a Bahia, são conhecidos aproximadamente 90 sítios Aratu, sendo 51 identificados por aquele arqueólogo e 39 por outros pesquisadores que o sucederam. A distribuição geográfica de tais assentamentos revela bem mais a localização de projetos de pesquisa e os pontos de lotação dos arqueólogos que as concentrações reais dos sítios. Destarte, o Recôncavo, cuja proximidade a Salvador, o acesso por estradas viáveis e a presença de muitas cidades que servem de apoio, é a região que exhibe a maior densidade dessas ocupações ceramistas. Na sequência, em número

de sítios, estão o Litoral Norte, o Litoral Sul, o Oeste da Bahia e as faldas da Serra de Monte Alto. No mais, há poucos sítios dispersos detectados por todo o estado, a não ser no norte, onde não conhecemos notícia de nenhum. Essa exceção revela a inexistência de pesquisas por lá, não a ausência de ocupações arqueológicas, haja vista a distribuição confirmada de antigas aldeias Aratu nos estados nordestinos fronteiriços ao norte da Bahia<sup>2</sup>.



**Figura 2** - Mapa dos sítios da tradição Aratu na Bahia. Na legenda, em negrito e maiúsculas, os sítios citados nesse artigo. Adaptado de Fernandes (2015c).

Ao que parece, pelos escassos dados cronológicos confiáveis na Bahia (vide tabela 1: Datações de Sítios Aratu na Bahia por C14), houve aqui um predomínio de sítios Aratu que perdurou por cerca de cinco séculos (490 anos pelas datações), com os primeiros registros por volta da segunda metade do século IX (St Guipe: 870 AD), tendo o final da sequência arqueológica na segunda metade do século XIV (St Belisão: 1360 AD). Por essa época, aquela cultura material, como a conhecemos, teria desaparecido ou se transformado radicalmente a ponto de não mais ser detectada como tradição Aratu. Portanto, no estado da Bahia, tais grupos indígenas jamais teriam sido contactados pelo elemento colonizador em 1500. Ainda assim, em que pesem os mais de 45 anos de investigações, mesmo que intermitentes, consideramos que pouco se sabe a respeito daqueles contingentes demográficos que dominaram grandes parcelas do Centro Oeste até partes do litoral do Sudeste e Nordeste brasileiros.

Apesar da disponibilidade de sepultamentos, pois são comuns nos sítios e constituem o fator que mais atrai a atenção e gera o alarde dos leigos quando da sua descoberta, também no viés cronológico

muito há por ser estabelecido. Desta forma, por enquanto não há como traçar uma distribuição temporal fiável desses assentamentos pelo estado. Os estudos a que tivemos acesso fornecem seis datações por C14. Durante a compilação das idades publicadas apartamos aquelas fruto do método da termoluminescência, tendo em vista os questionamentos da sua fiabilidade quando aplicado sobre amostras de cerâmicas queimadas em fornos abertos, prejudicadas pela inconstância da manutenção da temperatura. Tais circunstâncias de queima acarretariam resultados imprecisos para as datações.

[...] os poucos subsídios para o estado da Bahia estão nas muito esporádicas datações confiáveis por meio do C14 aplicado a amostras recolhidas em contextos controlados e bem descritos. É óbvio o quão carentes de cronologias estão os sítios da tradição Aratu. As seis datações recobrem um período de 490 anos, sendo 5 para a fase Aratu e apenas 1 da Itanhém (FERNANDES, 2011b, p. 240).

Sítio	Datação AP	Fase	Região
Guipe	1080 ± 90	Aratu	Recôncavo baiano
São Desidério	900 ± 250	Aratu	Oeste da Bahia
Piragiba	870 ± 50	Aratu	Oeste de Bahia
Sauipe	770 ± 50	Aratu	Litoral Norte da Bahia
Água Vermelha	660 ± 30	Itanhém	Sul da Bahia
Beliscão	590 ± 40	Aratu	Litoral Norte da Bahia

**Tabela 1** – Datações de Sítios Aratu na Bahia por C14. Adaptado de Fernandes (2011b, p. 240).

Aparentemente, a fase Aratu é mais antiga que a Itanhém e ambas coexistiram até o final da sequência cronológica, com a fase Aratu esparramando-se por todo o estado e a Itanhém restrita às imediações litorâneas do Recôncavo para o sul, indo até no máximo a 100km para o interior (Figura 2). Em termos cronológicos, entretanto, não há sequer grupos de datações para serem avaliados. Se sobrepuséssemos essas 6 datações à situação dos sítios pela Bahia constataríamos a ocupação mais antiga no

Recôncavo, quase contemporânea à seguinte, no Oeste da Bahia (embora esta tenha uma margem de precisão que deixa a desejar, com 500 anos de variação: St São Desidério – 1050±250). Tais lugares são completamente opostos distando cerca de 800km em linha reta de leste a oeste. Parece, e o termo realmente é esse em toda a sua imprecisão, que haveria no Oeste um núcleo mais homogêneo e quase tão antigo quanto a ocupação inicial no Recôncavo, onde (no Recôncavo) se nota uma maior diversificação na cultura material dos grupos.

## 2 O Padrão dos sepultamentos Aratu e suas flutuações

O que se conhecia dos sepultamentos Aratu na Bahia através da obra de Calderón (1969, 1971 e 1974) consiste em um padrão um tanto inflexível de enterramentos indiretos e primários em urnas (Figura 1), cujo contorno aquele pesquisador denominou de periformes (outros arqueólogos equivalem a forma dos vasos sepulcrais ao jambo ou mesmo ao caju). As variações nas condições dos sepultamentos e nos recipientes cerâmicos descritas nos seus artigos podem ser sumarizadas da forma abaixo.

- Sítios com presença de numerosos sepultamentos em urnas (1969).

- Ocorrência de agrupamentos de várias urnas inumadas muito próximas (1969).

- St Beliscão, Litoral Norte: uma urna com impressão de corda ao redor da boca. Tigela como opérculo da urna e vasilhas emborcadas sobre os restos humanos, acompanhamentos funerários: machados polidos e fusos de fiar (1969).

- St São Desidério, Oeste da Bahia: urnas com linha incisa ao redor do lábio arredondado. Vasos ou um grande fragmento de urna como opérculo. Urnas grandes para adultos e pequenas para crianças; estas, sem acompanhamentos funerários. Linha incisa em torno do lábio das urnas funerárias nos sítios do além São Francisco (1971).

- St Viúva, Litoral Norte: grande quantidade de ostras e pequenos machados polidos como acompanhamentos funerários (1974).

- Para a fase Itanhém: grandes urnas periformes com decoração corrugada numa larga faixa ao redor da boca até quase o diâmetro máximo do recipiente. Tigelas com diâmetro maior que da urna

usadas como opérculos. Tigelas colocadas diretamente sobre o crânio. Aplicação de grafite nas urnas (1974).

Dos anos setenta até hoje, mais investigações trouxeram ao lume novos dados que ampliaram esse rol de peculiaridades. O sítio da Praça de Piragiba, no Oeste da Bahia, é um dos mais pesquisados no estado. Atualmente há uma vila com cerca de 50 casas exatamente sobre a antiga aldeia indígena. Os vestígios cerâmicos e líticos concentram-se em pelo menos 35 hectares (700 x 500m), em cuja superfície o patamar de sepultamentos aflorando ultrapassa os 140 indivíduos e a cada estação chuvosa outras urnas surgem pela erosão do solo. Deste universo, 64 enterramentos foram escavados e é a partir desse conjunto que apresentamos as novas informações abaixo alusivas ao contexto funerário.

Em paralelo ao número de inumações e às dimensões da área ocupada, nesse assentamento foi recolhido um montante de cerca de 700 lâminas lascadas utilizadas para a horticultura. Tais elementos sugerem que se tratava de uma aldeia com um contingente populacional considerável (sítios com grandes contingentes foram estudados em Goiás por Irmhild Wüst no seu mestrado de 1983), implantada na transição da depressão sanfranciscana para os chapadões ocidentais, cuja datação recua aos 870 anos antes do presente (FERNANDES, 2003, 2011a, 2011b, 2012, 2015a; MACHADO, 2013). A profusão de inumações desse sítio permitiu o reconhecimento de práticas funerárias ainda não descritas que podem ser assim resumidas:

### **Sítio PRAÇA DE PIRAGIBA – F. Aratu – Muquém do São Francisco – Oeste da Bahia<sup>3</sup>**

- Sepultamentos diretos fletidos (4 em 64 escavados) com o dorso em contato com o solo e a cabeça protegida por uma tigela que lhe cobre (Figura 3B).

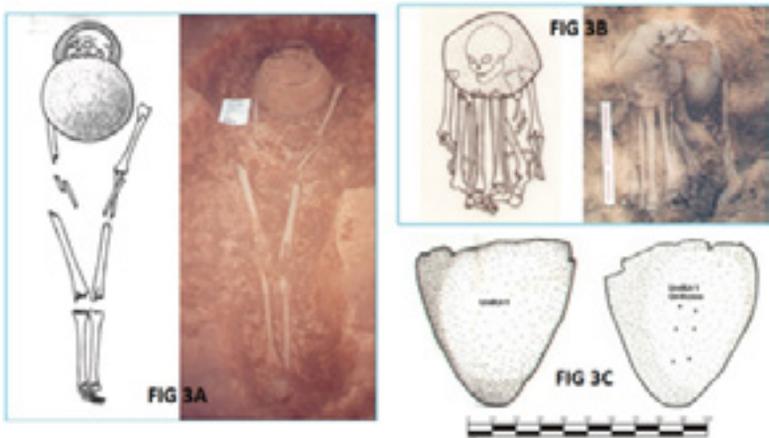
- Sepultamentos em decúbito (2 em 64 escavados) com as pernas distendidas, pés juntos, braços paralelos ao tórax e mãos sobre a zona genital. Uma tigela posta sob a cabeça com o crânio em seu bojo e outra tigela maior, emborcada sobre o tórax recobrando o queixo (Figura 3A).

- Algumas urnas funerárias com duas fileiras paralelas de perfurações pós-queima, como se fossem para a 'costura' de uma fratura, visando impedir seu avanço (Figura 3C).

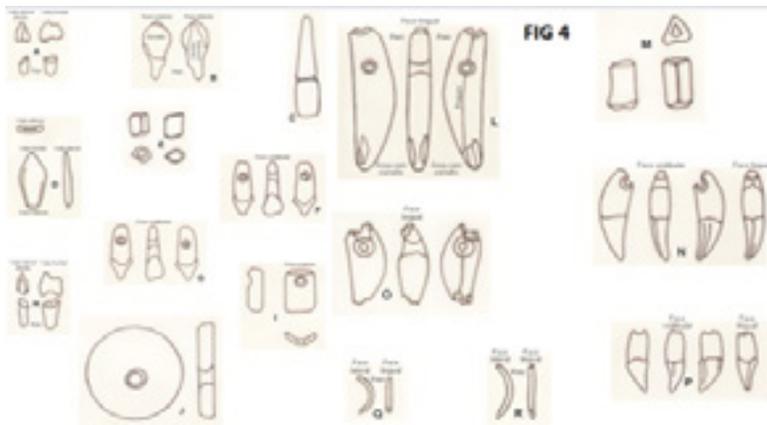
- Uma urna infantil com um pequeno 'mamilo' aplicado na borda.

- Um recipiente globular aberto com carena suave usado como urna funerária.

- Acompanhamentos compostos por contas cilíndricas cortadas das diáfises de ossos de aves foram os mais comuns. Havia ainda pingentes de dentes caninos, alguns de felídeos e pingentes em ossos longos de animais (Figura 4). Todas as contas encontradas eram de posse exclusiva dos infantes - pelo menos foi o que se manteve no registro arqueológico. Outros objetos entregues aos mortos foram um fuso de rocha calcária, pontas de projétil em osso e dente de animais, pequenas tigelas cerâmicas e até mesmo um adorno cilíndrico/cônico em rocha carbonática (FERNANDES, 2003, 2011a).



**Figura 3.** A - Sepultamento em decúbito. B - Sepultamento fletido. C - Vistas da urna com orifícios pós-queima sugerindo retenção de quebra (obs: apenas as quebras da borda foram representadas). Adaptado de Fernandes (2003).



**Figura 4** - Acompanhamentos funerários de Piragiba. Pingentes em dente de animais: A, F, G, H, L, N, O e P. Ponta em dente: B. Ponta em osso: D. Adorno em rocha carbonática: C. Contas em diáfise de ossos de ave: E e M. Pingente em osso: I. Fuso em calcário: J. Dentes de mocó: Q e R. Adaptado de Fernandes (2003).

As demais investigações nos outros sítios descobertos depois dos trabalhos de Calderón trouxeram alguns elementos ainda não conhecidos para o contexto funerário. Tais flutuações vão da simples variação do contorno periforme para o ovoide e globular, até a reveladora presença de urnas corrugadas (f. Itanhém) com lisas (f. Aratu). Também se registraram alterações na urna, tais como impressão de cordão ao redor do lábio e linhas paralelas de perfurações pós-queima, como se fosse para fechar uma quebra e uma reiterada presença de contas adornando os mortos. Abaixo apresentamos as particularidades em cada sítio onde foram detectadas.

### **Sítio ÁGUA VERMELHA – F. Itanhém – Pau Brasil – Sul da Bahia**

- Presença no mesmo contexto de urnas lisas típicas da fase Aratu (Figura 5B) e urnas com a faixa corrugada (Figura 5A), típicas da fase Itanhém (ETCHEVARNE, 2012).

- Um recipiente com ombros e de bordas cuidadosamente suprimidas enterrado ao lado das urnas (Figura 5B).

- Presença de muitas pequenas contas cortadas e raspadas sobre a diáfise de ossos de aves como acompanhamento funerário de uma das urnas (Figura 5C).



**Figura 5.** A - Urna corrugada (f. Itanhém) e B - Urna lisa (f. Aratu) no mesmo contexto. C - Contas pequenas trabalhadas em ossos de ave recuperadas de uma das urnas. Fotos: Luydy Fernandes.

### Sítio ILHA DAS PEROBAS – F. Aratu – Mucuri – Sul da Bahia

- Uma urna com um opérculo (Figura 6A e B) de bordas suprimidas e alongado (COSTA; COMERLATO, 2007). Em São Mateus, ES, a 110km em linha reta da Ilha da Peroba, uma urna Aratu fechada por um opérculo alongado (Figura 6C). Similar encontra-se exposta no museu municipal (PREFEITURA DE SÃO MATEUS, 2015).



**Figura 6.** A - Urna da Ilha das Perobas. B - Urna e opérculo como foram encontrados caídos do barranco. C - Urna de São Mateus – ES, com opérculo alongado similar ao da urna da Ilha das Perobas. Foto: A e B - Costa e Comerlato (2008). C – Pedal EcoVida (2011).

## Sítio AREIAS – F. Aratu – Rio Real – Litoral Norte

- Ampliação proposital do diâmetro da abertura de duas urnas pela quebra regular e controlada de pequenos fragmentos das bordas, talvez para permitir a inserção do corpo quando da realização do enterramento (Figura 7A).

- Acompanhamento formado por contas de pequenas sementes, possivelmente de capim tiririca, em número acima de 17.044 (Figura 7B); contas de conchas espiraladas marinhas e uma placa trapezoidal com dois furos de suspensão recortada de uma grande concha marinha (FERNANDES, 2015b).



**Figura 7.** A - Urna com as bordas suprimidas. B - Algumas das 17.044 contas provavelmente de semente de capim tiririca encontradas na urna. Adaptado de Fernandes (2015b).

### Sítio CANABRAVA – F. Aratu – Esplanada – Litoral Norte

- Ampliação proposital do diâmetro da abertura da urna pela quebra regular e controlada de pequenos fragmentos das bordas (PACHECO, 2016).

### Sítio MARCOLINO MOURA – F. Aratu – Jussiapé – Chapada Diamantina

- Impressão de cordão de fio duplo torcido ao redor do lábio de uma urna escavada (COMERLATO, 2008).

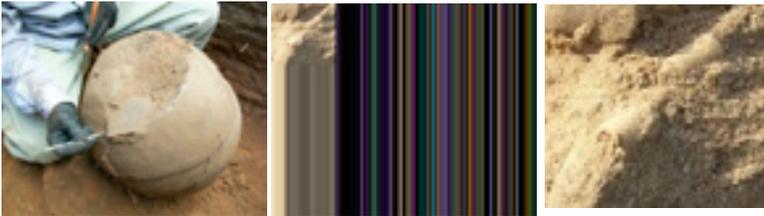
### Sítio LAGOA QUEIMADA – F. Aratu – Santa Inês – sudoeste do Recôncavo da Bahia

- Urna com duplo alinhamento paralelo de perfurações pós-queima, como se fossem para a 'costura' de uma fratura, visando impedir seu avanço.

- Contas esféricas pequenas de origem vegetal como acompanhamento funerário (informação pessoal, Carlos Etchevarne).

## **Sítio VALE VERDE 1 – F. Aratu – Sítio do Mato – Oeste da Bahia**

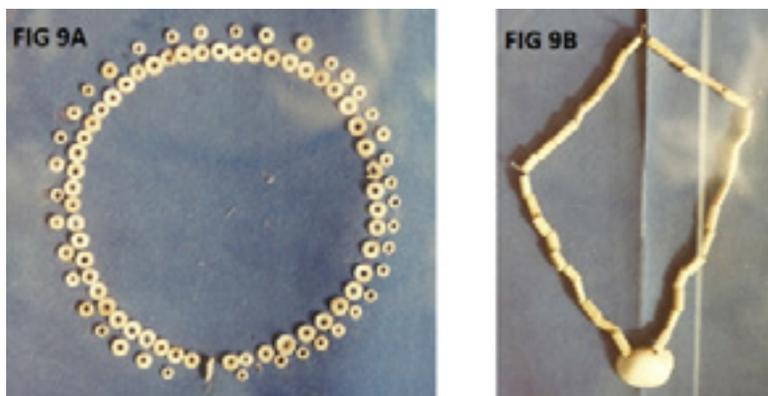
- Urnas infantis com um formato mais ovoide que periforme (Figura 8A).
- Contas (Figura 8B e C) cilíndricas de diáfise de ossos de animais pequenos e contas discoides cortadas de conchas fluviais como acompanhamento de urna infantil (FERNANDES, 2011c, 2011d, 2011e).



**Figura 8.** A - Urna infantil de formato ovoide. B e C - Contas cilíndricas entre os ossos da criança. Adaptado de Fernandes (2011e).

## **Sítio VAU – F. Aratu – Santa Maria da Vitória – Oeste da Bahia**

- Acompanhamentos funerários compostos por dezenas de contas de colares tubulares (Figura 9B) e discoides (Figura 9A), recortadas de conchas fluviais expostas no Museu de História Natural Raimundo Sales Barbosa, em Correntina (FERNANDES, 2011a).



**Figura 9.** A - Contas discoides recortadas de conchas fluviais. B - Contas cilíndricas de ossos longos de aves expostas no museu de Correntina. Adaptado de Fernandes (2003)

## **Sítio ALTO DE SANTA CRUZ – F. Aratu – Angical – Oeste da Bahia**

- Acompanhamentos funerários compostos por contas de ossos de animais (LOCKS; BELTRÃO, 2001).

## **Sítio MUTÃNS – F. Aratu – Guanambi – Sudoeste da Bahia**

- Urna fortemente globular com opérculo pintado internamente com faixas vermelhas paralelas indo do lábio à base (Figura 10A).

- Tigela rasa, com o bojo voltado para cima (Figura 10B), usada como segundo opérculo da urna, situada abaixo do primeiro opérculo pintado (SILVA, 2012, 2013).



**Figura 10.** A - Urna globular do sítio Mutãns dotada de opérculo com faixas internas pintadas em vermelho. B - Tigela rasa usada como segundo opérculo da mesma urna. Fotos: Luydy Fernandes.

Pelo exposto, os adornos comumente citados como contas e pingentes são bastante frequentes nas urnas funerárias da tradição Aratu. No que tange ao universo dos acompanhamentos, um aspecto até então desconhecido para quaisquer dos sítios escavados também pode ser aventado em Piragiba: a presença de lascas, pequenos núcleos e objetos quase finalizados que sugerem uma indústria em caulinita<sup>4</sup> silicificada, inclusive com a localização de contas nessa matéria-prima na campanha de 2012 (MACHADO, 2013) e 2016 (FERNANDES, 2016).

No início das escavações na vila, em julho de 1996, alguns moradores comentaram sobre uma urna “aberta” por alguns rapazes e na qual acharam várias pequenas contas fusiformes brancas. O estado de conservação era tal que um deles as reuniu, lavou e inseriu um fio pelos orifícios das contas, compondo uma pulseira que passou a usar. Infelizmente, na época das pesquisas essa pessoa não morava mais em Piragiba e somente vimos a dita pulseira de contas recuperadas da urna por uma fotografia. A qualidade da imagem era insatisfatória a ponto de impedir a identificação da matéria-prima e então presumimos que fossem contas de ossos, tal qual as demais. Agora, depois da campanha de 2012, é provável que aquelas contas fossem peças feitas em caulinita silicificada. Recentemente, neste ano de 2016, uma conta discoide finalizada foi recolhida no sítio de Piragiba, na superfície de terra nua em lixiviação do campo de futebol, onde constantemente também afloram centenas de lascas, algumas de caulinita, e fragmentos cerâmicos (Figura 11D).

Depois de Piragiba, tais adornos foram detectados em outros três sítios Aratu, embora não inequivocamente ligadas ao contexto funerário (Figura 11). No sítio Mutãns (Figura 11A) e no Santo Antônio (Figura 11B), ambos na região de Monte Alto. Nesse caso as contas foram obtidas do sedimento de ocupação (informação pessoal, Joaquim Perfeito). Do município de Iuiu, vizinho a Monte Alto, provém um colar (Figura 11C) aparentemente completo de contas elipsoides que são provavelmente em caulinita. Tal peça encontra-se hoje exposta no Laboratório de Arqueologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em Vitória da Conquista. A informação obtida pelo professor Joaquim Perfeito da Silva (UESB), do morador que a coletou em um abrigo, indica que estava com ossos humanos. Infelizmente, apenas a morfologia e matéria-prima permitem uma tênue aproximação de tal artefato ao contexto local Aratu, o que é insuficiente para qualquer afirmação. De toda sorte, é mais um exemplar acabado dessa pouco conhecida indústria em caulinita silicificada na Bahia.



**Figura 11.** A - Vistas da conta provavelmente de caulinita silicificada do sedimento do sítio Mutãns. B - Vista da conta provavelmente da mesma matéria-prima do sítio Santo Antônio. C - Colar de contas provavelmente de caulinita silicificada da Gruta do Índio, município de Iuiu. D - Vistas da conta discoide de caulinita do sítio de Piragiba. Fotos: Luydy Fernandes.

No povoado de Monte Rei, município de Juvenília, norte de Minas Gerais, divisa com a Bahia, existe o sítio Poço dos Bichos. Ali são citados objetos na forma de pingentes<sup>5</sup> que provavelmente são de caulinita (FOGOLARI, 2013, p. 65). Pelo que se apura, essa é uma nova linha para ser investigada, tendo em vista que uma busca na literatura disponível revela a escassez de referências a respeito da relação entre indústria sobre caulinita e a tradição em questão (MACHADO, 2013, p 115).

### 3 Contexto variante de alguns sítios sem sepultamentos localizados

No Oeste da Bahia, dentro desse imaginado bloco de características comuns montado pelo que a bibliografia e as pesquisas oferecem, destoa até o momento um único sítio. Conquanto não tenha sido escavado, nem revelado nenhum sepultamento, quer em urna, em decúbito ou fletido, o sítio Morro do Lajeado 2 (Figura 12) é digno de nota por sua implantação na paisagem e sua decoração na cerâmica. O assentamento deu-se no topo de uma colina (aproximadamente 535.000m<sup>2</sup> ou 53,5ha) absolutamente destacada do terreno, sobre uma elevação calcária cárstica de acesso em acrive bastante restrito e com domínio amplo em 360° sobre o vale do São Francisco. Quando visto ao longe, tal elevação dá a impressão de um colossal recinto fortificado (Figura 12A) por altas muralhas, tendo em vista que suas encostas estão quase todas a pique (Figura 12B). É impossível afastar a ideia de motivações defensivas para aquele tipo de implantação (FERNANDES, 2011c, 2011d, 2011e).





**Figura 12.** Sítio Morro do Lajeado 2. A - Colina calcária cárstica onde está o sítio. B - Encosta a pique que circunda a colina. C - Fragmento cerâmico de bojo e borda com applique e incisão em ziguezague. D - Fragmento cerâmico corrugado. E - Fragmento cerâmico de borda com applique e orifício cego. Adaptado de Fernandes (2011d).

Para além da instalação ímpar<sup>6</sup>, sua cerâmica mostra decorações ainda não vistas naquela região Oeste da Bahia: traços incisos em ziguezague (Figura 12C), apliques cilíndricos e mamilares nas bordas (Figura 12E), alguns trespassados por orifícios, talvez para suspensão. Também há apliques duplos contornando o lábio perpendicularmente. Alguns fragmentos mostram uma expressiva decoração corrugada (Figura 12D) típica da fase Itanhém, apesar de o Morro do Lajeado 2 distar 490km do litoral, ou seja, bem além daquela faixa de até 100km ocupada pela fase Itanhém. Infelizmente não há datação para esse sítio, entretanto, as suas peculiaridades espaciais e da cultura material nos permitiria conceber sua posição relativa no final da sequência cronológica. Presumidamente, naquele momento os grupos chamados de tradição Aratu que até então dominavam amplamente a região passariam a perder terreno para outros, talvez mesmo os Tupi. Assim, com o contato, tanto absorveriam algumas novas características cerâmicas (corrugado, roletado, incisões, apliques) como também se refugiariam em posições defensivas.

Por fim, no conjunto de seis sítios da região da Serra de Monte Alto, na divisa com o estado de Minas Gerais, pelo menos um (Mutãns) contém sepultamentos em urnas dotadas de opérculos pintados com espessas bandas verticais vermelhas, além de presença de cerâmica pintada em outros dos seis sítios (SILVA, 2012, 2013). A indústria lítica<sup>7</sup> de pelo menos três sítios (Coité, Santo Antônio e Mutãns) apresenta lâminas lascadas em granito e basalto (Figura 13), com marcas de intensa utilização, indicando a adaptação do saber-fazer presente nos sítios do Oeste da Bahia para essas matérias-primas

locais não tão aptas, mas comumente presentes na litografia de Monte Alto (FERNANDES, 2015c).

## Notas

- 1 Conforme informação verbal obtida de um dos mais antigos pesquisadores do PRONAPA, a obra que seria derivada de tal encontro nunca chegou a ser publicada.
- 2 O sítio reconhecidamente filiado à tradição Aratu mais setentrional descoberto é o Serra do Evaristo 1, localizado no município de Baturité, no norte do Ceará, cuja datação C14 indicou uma idade entre 653-555 cal BP (<http://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/5698/6127>).
- 3 A linha de entrada aponta o 'Nome do sítio' – 'Fase da Tradição' – 'Município' – 'Região do estado'.
- 4 O site <http://www.rc.unesp.br/museudpm/banco/silicatos/filossilicatos/caulinita.html> indica a fórmula química geral da caulinita:  $\text{Si}_2\text{Al}_2\text{O}_5(\text{OH})_4$ , com dureza de 2 e 2,5.
- 5 Fotos dos pingentes provavelmente em caulinita também foram apresentadas em um painel na SAB de 2013, em Aracaju, para esse sítio de Poço dos Bichos, em Juvenília - MG.
- 6 Além dos estudos de Wüst (1983) para Goiás que mostram sítios Aratu em posições de controle visual do terreno, recentemente investigou-se outro sítio dessa tradição apresentando instalação na paisagem que remete a um objetivo defensivo/ocultador. Trata-se do sítio Vereda 3, na região de Lagoa Santa-MG, que está inserido nas grandes cavidades do carste (RODRIGUES, 2011).
- 7 Ainda sobre a indústria lítica dos sítios da tradição Aratu muito ainda há por ser sistematizado. Notadamente, exibem uma variação intensa nas matérias-primas, nas técnicas, métodos e instrumentos produzidos. Tome-se como exemplo apenas a variabilidade em um instrumento indispensável aos grupos horticultores: as lâminas de 'machados', cuja forma polida aparece em alguns sítios. Há outros apenas com esses instrumentos lascados (na Bahia estes estão ao longo da calha do São Francisco) e ainda, sítios em que lâminas lascadas coexistem com lâminas polidas.

## Referências

CALDERÓN, V. A fase Aratu no Recôncavo e Litoral Norte do Estado da Bahia. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do terceiro ano 1967-1968. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, Publicações Avulsas, n. 13, p. 161-172. 1969.

CALDERÓN, V. Breve notícia sobre a arqueologia de duas regiões do Estado da Bahia: resultados preliminares do quarto ano 1968-1969. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, Publicações Avulsas, n. 15, p. 163-174. 1971

CALDERÓN, V. Contribuição para o conhecimento da arqueologia do Recôncavo e do Sul da Bahia: resultados preliminares do quinto ano 1969-1970. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, Publicações Avulsas, n 26, p. 141-156. 1974.

COMERLATO, F. Salvamento e monitoramento arqueológico no traçado da Rodovia BA-148 – Rio de Contas – Jussiapé. Relatório final. Salvador. 2008.

COSTA, C.; COMERLATO, F. Relatório final do diagnóstico e levantamento arqueológicos das rodovias BA-693 e BA-698 (Ibirapuã, Mucuri e Nova Viçosa). Salvador. 2007.

ETCHEVARNE, C. O sítio de tradição Aratu de Água Vermelha, reserva indígena Caramuru-Paraguaçu, e suas implicações arqueológicas e etno-políticas. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Salvador, n. 1, p. 53-58. 2012.

FERNANDES, L. A.; PALERMO NETO, F. Relatório de Vístia a São Félix do Coribe. Salvador. 1999.

FERNANDES, L. A. Os Sepultamentos do Sítio Aratu de Piragiba – BA. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

FERNANDES, L. A. As lâminas de machado lascadas Aratu de Piragiba – BA. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011a.

FERNANDES, L. A. Elementos das lâminas de machado lascadas de sítios Aratu na Bahia. **Habitus**, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 239-257. 2011b.

FERNANDES, L. A. 1º Relatório de visita - Município de Sítio do Mato, BA. Salvador. 2011c.

FERNANDES, L. A. 2º Relatório de visita - Município de Sítio do Mato, BA. Salvador. 2011d.

FERNANDES, L. A. 3º Relatório de visita - Município de Sítio do Mato, BA. Salvador. 2011e.

FERNANDES, L. A. Uma revisão da Tradição Aratu na Bahia. **Clio**, Recife, v. 27, n. 1, p. 1-32. 2012.

FERNANDES, L. A. Estigmas de uso em uma lâmina lascada do norte de Minas Gerais. **Teoria e Sociedade**. Belo Horizonte, n. 23.1, janeiro-junho. p. 73-94. 2015a.

FERNANDES, L. A. Relatório de visita - Povoado de Areias - Município de Rio Real. Salvador. 2015b.

FERNANDES, L. A. Lâminas lascadas em rochas ígneas de sítios Aratu do Sudoeste da Bahia: traceologia e experimentação. **Habitus**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 17-40. 2015c.

FERNANDES, L. A. Caderno de campo de Piragiba. Piragiba. 2016.

FOGOLARI, E. P. Levantamento prospectivo BR 135 e seus resultados líticos e cerâmicos. **Caderno de Resumos SAB**, Aracaju, p. 65. 2013.

GONZÁLEZ, E. M. R. **A ocupação ceramista pré-colonial do Brasil Central: origens e desenvolvimento**. Tese (Doutorado em Arqueologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1996.

LOCKS, M.; BELTRÃO, M. Adorno acompanhando enterramento no sítio Alto de Santa Cruz - região arqueológica de Central, Angical, Bahia. **Caderno de Resumos SAB**, Rio de Janeiro, p. 152. 2001.

MACHADO, J. **Au-delà du São Francisco: analyse technologique des industries lithiques du site Praça de Piragiba, Brésil**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Université Paris Ouest Nanterre la Défense, Nanterre, 2013.

PACHECO, C. Urna funerária milenar é achada em fazenda do Nordeste baiano. **Correio**, Salvador, 26 de julho. 2015. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/urna-funeraria-milenar-e-achada-em-fazenda-no-nordeste-baiano>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

PEDAL ECOVIDA. Pedal EcoVida na Estrada – 4 Edicao. 09 de setembro de 2011. Disponível em: <<https://pedalecovida.wordpress.com/2011/09/09/sao-mateus/>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

RODRIGUES, I. M. **Fora das grandes aldeias: a ocupação do recôndito sítio arqueológico Vereda III**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

PREFEITURA DE SÃO MATEUS. Sala de arqueologia é inaugurada em São Mateus. **Site da Prefeitura de São Mateus – ES**. 21 de maio de 2015. Disponível em: <<http://www.saomateus.es.gov.br/site/noticia-detalhe.aspx?id=2699>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

SCHMITZ, P. I. et al. Arqueologia do centro-sul de Goiás: uma fronteira de horticultores indígenas no centro do Brasil. **Instituto Anchieta de Pesquisas, Série Antropologia**, São Leopoldo, n. 33. 1982.

SILVA, J. P. **Territórios e ambientes da Serra de Monte Alto: região Sudoeste da Bahia**. Vitória da Conquista: EdUESB - Editora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2012.

SILVA, J. P. **Grupos ceramistas da serra de Monte Alto**: região Sudoeste da Bahia. Defesa de professor Pleno, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2013.

UNESP. Museu Heinz Ebert – Instituto de Geociências e Ciências Exatas – Departamento de Petrologia e Metalogenia. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/museudpm/banco/silicatos/filossilicatos/caulinita.html>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

WÜST, I. Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás: tentativa de análise espacial. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1983.